

## AURA — CORPO ENQUANTO INCERTEZA

por [Guilherme Moura](#), 2019



*Alguns a favor, outros, de vez em quando também, junto com o desejo de estabilidade, com o desejo de representatividade, o desejo de apertado.*

Jota Membrão

Dona de vários nomes incapazes de darem conta de sua mutabilidade, Aura, Auro, Mauro, Oura, Auraura, se tornam indicadores de sua obra. Enquanto corpo sensível e que há muito se reconhece em meio a uma mescla de vida e performance, de trânsito e pesquisa, de expurgo, representação e abstrão ininterrupta do mundo, a artista, que também trabalha com fotografia, instalação e vídeoarte, é um corpo a percepção de que se pode haver autorreconhecimento e propriedade de um corpo íntimo da incerteza e do deslindar.

"Nunca deixamos de estar em uma performance artística, nem mesmo em nossos sonhos" afirmam EVA e ADRI, dois artistas, em entrevista concedida a Iana Ferraz para a 3ª edição da revista *selecT* (Gênero). De forma semelhante, este texto parte da hipótese acerca de uma vida em processo que vem se configurando enquanto obra de arte única — para não dizer obra de arte exclusiva. Nesse sentido, o trabalho de Aura se dá de maneira caleidoscópica, ininterrupta e encadeada em quaisquer ações que faça.

### CORPO ENQUANTO INCERTEZA

Falar sobre Aura é adentrar em um terreno movediço e borrado que, para ser abordado de maneira minimamente coerente ao mistério que é, gera uma demanda pela transgressão e pela transcendência de oposições supostamente rígidas e binárias no senso comum. Dessa forma, conceitos como masculino e feminino, feio e belo, desejo e repulsa, natureza e tecnologia se cabram não enquanto polos opostos e incommuniáveis, mas sim como parte de um amplo espectro de possibilidades de manifestações de si. Esses laços se entrecruzam a todo momento, resultando em performatividades múltiplas em um corpo constantemente inventado.

Para Umberto Eco (2007, p. 426), no décimo quinto capítulo de *A História da Feiúra*, "Cantamos-se repetir em toda parte que hoje em dia se convive com modelos opostos porque a oposição feio/belo não tem mais valor estético: feio e belo seriam duas opções possíveis a serem vitórias de um modo ou outro, o que parece se confirmar em muitos comportamentos juvenis." Desacreditando da plena aplicabilidade deste ponto de vista, o autor, em seguida (p. 431) lança o questionamento acerca do possível desaparecimento de distâncias entre esses conceitos: "E se determinados comportamentos dos jovens ou artistas (apesar de gerarem tanta discussão filosófica) fossem fenômenos marginais praticados por uma minoria (em relação à população do planeta?)" pergunta o autor.

Esses atributos, apontados no decorrer do livro enquanto não necessariamente opostos de maneira inelutável, além de variarem de acordo com diferentes pontos de vista que englobam questões de temporalidade, classe, geografia e capital cultural, por exemplo, são facilmente justificados por aproximarem-se aos conceitos fluidos. Sendo assim, para além de um fenômeno rígido e aplicável de maneira uniforme, se tratasse justamente enquanto certezas variáveis de recorre para recorre. Portanto, se em alguma parcela da população, ainda mesmo que minoritária, as aplicabilidades destes conceitos não apenas destoam do senso comum, mas se manifestam enquanto um par que se permite ser mais interconectável do que o dominante, por que não buscar entender o mistério a partir das vitórias de quem o vive e não daqueles que estão de fora?

Como pensar conceitos de feiúra e beleza se eles mesmos estão firmes em noções compulsoriamente heteronormativas, por exemplo? De acordo com Jota Membrão (2018), "torna-se um mistério aparecer aqui como programa político dissidente, não é, como forma de instauração as formas sociais de não ser livre".

Talvez esteja muito distante de um ponto de vista hegemônico a possibilidade de identificação na impermanência. E quem sabe seja justamente ela a resposta para a livre consistência entre certezas que, a olhos fechados pela repetição cotidiana de atos, signos, hábitos e gestos culturais, ao serem postas enquanto intocáveis, ajudam a construir as bases das formas dominantes de se ver.

Não é de hoje que o ser humano recorre a elementos que o estendem, potencializam e desdobram a partir do desejo de suprir suas deficiências ou de realizar suas potencialidades. De acordo com o Manifesto Chorgue (1984) de Donna Haraway, "O ebor que não reconheceria o Jardim do Éden; não é feio de burro nem pode sonhar em reinar no pó". Aura, coberta de cips, plásticos, estando vivida ou não, é fonte de sustento para um processo essencialmente humano de edição de si. Onde termina a casa (a roupa ou a performance, por exemplo) e começa o indivíduo? E se Aura for tudo aquilo que ela se propõe a ser? De colar aos hormônios, do corpo na que carrega ao corpo morto de alguma cobra que encontrou pelo caminho, da ancestralidade travesti nos aplicativos de filtro? Para a autora, "um mundo-chorgue pode ser aquele em que as realidades são protagonizadas por pessoas que não temem seu parentesco com animais ou máquinas".

Aura, assim, não cabe em um espaço hiperdefinido. Ainda que sejam fluidas, possibilidades de feiúra e beleza se encontram mais arraigadas a contextos geográficos e temporais do que a ventos de amolecimentos do possível contemporâneo — ainda mais quando o que se oferece vem das mãos de quem não corresponderia a uma instabilidade/versatilidade estética dominante e se aprofunda em incompreensão.

Quis se possibilidades de realidade nas travessias da indefinição? A partir de fendas como essas, surgem formas de se "liberar a imaginação contra como as coisas são, [e] refutar aquilo que a gente considera possível" (MEMBRÃO, 2018).

### REFERÊNCIAS

- ECO, Umberto (Org.). *A história da feiúra*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- MEMBRÃO, Jota. Se não pode ser livre, só um mistério. *Revista seLeCT*. Gênero. São Paulo, v. 38, 2018.
- FONTES, Iana. Amor e arte em tempos pós-modernos. *Revista seLeCT*. Gênero. São Paulo, v. 38, 2018.
- BRESSANI, Ronaldo. O corpo datus. *Revista Bravo!*. Beleza. São Paulo, 2017.
- HARAWAY, Donna. Manifesto Chorgue: Ciência, Tecnologia e Feminismo-socialista do Século XX, 2000

[Compartilhe](#)
[Compartilhe](#)
[Compartilhe](#)

### More from Propósito

[O PRINTSCREEN OU PORQUE SOMOS TODOS LADRÕES 1](#)

por [Hiruzee](#)

[O print \(como chamamos no Brasil\) é a captura de tela. É o registro do que que via uma imagem. "Ouv" porque é a visão do usuário sobre a tela no momento em que a registra. Porém o print não é um simples registro. Câmeras podem fotografar telas. O print é o recurso da máquina que congela o momento dela mesma. É, por si, uma metalinguagem. Nesse sentido, está para além do controle que deseja captar, porque além do "alvo" que grava \(uma foto, uma conversa, um comentário\), também registra a interface, o conteúdo do ambiente virtual de...](#)

[8 TV shows that haven't aged well](#)

[This Long-Awaited Technology May Finally Change the World](#)

[We're All Paying for Someone Else's 4-Hour Work Week, Not Ours](#)

[Why We Should Throw Out Our Old Print-Skip Programs](#)

[Dear America: Progressives, We're Tired by Your Silence](#)

[Why We Feel Certain Progressives Don't Care About LGBTQ+ Rights](#)

[How to Stay Motivated When You're Not Getting Ahead](#)

[How to Stay Motivated When You're Not Getting Ahead](#)

